

Diversão & Arte

APESAR DO PRESTÍGIO INTERNACIONAL, PRODUÇÃO AUDIOVISUAL BRASILEIRA LUTA PARA SOBREVIVER DIANTE DO DESPREZO DO GOVERNO PELO CINEMA NACIONAL



Sobrevivência e

RESISTÊNCIA

Karim Aïnouz tem filme exibido no Festival de Cannes

Luiz Bolognesi viu seu *A última floresta* ganhar prêmio em festival em Seul

O pernambucano Marcelo Brennand ganhou prêmios internacionais com *Curral*

» RICARDO DAEHN

Cineasta brasileiro de imenso prestígio internacional, Karim Aïnouz, atualmente, leva o brilho da exibição do mais recente filme, *O marinheiro das montanhas*, ao 74º Festival de Cannes (França). Dedicar a vida ao cinema desemboca no reconhecimento do ex-aluno dos corredores da Universidade de Brasília (UnB). Além da alegria, Karim conta que percebeu o convite para integrar a sessão especial de Cannes “como um presente bem-vindo”, quase tão emocionante quanto ver concluído o filme que traz memórias muito íntimas.

Celebrar conquistas, entretanto, não é algo que venha com facilidade, pelo que explica o diretor cearense. “Hoje, o que se vive no Brasil, em termos de produção audiovisual, é uma batalha bem dura, muito semelhante com a que vivi no começo dos anos 1990 (quando do fechamento da Embrafilme), mas com o agravante sinistro de estarmos sob a égide de um poder que relata seu profundo desprezo pela cultura e todos seus correlatos, sem o menor constrangimento”, avalia.

Na torcida para que brasileiros consigam retomar o futuro, Aïnouz aponta haver muito filme bom sendo feito a duras penas no Brasil, e completa que outros tantos poderiam surgir, com o devido estímulo e fomento. “Qualquer pessoa de boa fé sabe o valor e o poder da cultura; tentar aniquilá-la deliberadamente é criminoso, no mínimo”, nota. Constatando que o audiovisual oxigena, por meio da geração nova que desponta e tenta sobreviver, “nessa catástrofe que virou o nosso país”, Karim delimita que o elemento travado é o financiamento público, com proporções desastrosas. “O que travou foi o financiamento traduzido em novas chamadas/editais que assegurariam uma regularidade na produção, trariam organização no calendário da indústria e os processos dentro da Agência

Nacional do Cinema (Ancine). Empecilhos que ele vislumbra contornáveis, a partir do futuro “voto com responsabilidade”.

Eleição premiada

Autor do longa-metragem pernambucano *Curral*, o diretor Marcelo Brennand viu acumular os prêmios internacionais em festivais no Brooklyn (Estados Unidos) e em Huelva (Espanha), não tendo dúvidas quanto ao “poder de diplomacia” do cinema brasileiro. “Só nos últimos anos, o Festival de Berlim, que é o evento de cinema mais político do mundo, contou com a presença de 43 filmes brasileiros. Isso é um marco!”, avalia Brennand, irredutível na ideia que a política está enraizada na cultura brasileira. O cineasta demarca um traçado “de incerteza no governo federal” ao prospectar o cenário destinado à esfera da cultura. “São nos momentos de crise que surgem filmes e cineastas que retratam a realidade atual do nosso país no exterior”, acredita.

Defendendo uma visão humana, numa trama em que desponta o drama da falta de água no interior, Brennand evoca a máxima de Tolstói (“Fale de sua aldeia e estará falando para o mundo”), para especular em torno do sucesso. “*Curral* foi selecionado, na França, para o Festival Cinema Brésilien Paris e tivemos o convite da leitora parisiense Geneviève Garrigos para projetar no auditório da prefeitura de Paris”, celebra. Numa sessão privada, parlamentares locais tiveram contato com a fortuna crítica do cinema nacional.

Num contraste com tanto prestígio, Brennand crê que sua geração enfrenta um dos momentos mais críticos vivenciados por cineastas. “A situação da Cinemateca Brasileira representa o descaso do atual governo com a nossa cultura. Mas a história do cinema é de resistência. Passamos pela censura na ditadura

militar e, na década de 1990, foi extinta a Embrafilme, maior fomentadora do cinema nacional, ou seja, foram quase quatro décadas de resistência e resiliência. Estávamos num momento de produção e criação extraordinário no Brasil. Por motivos políticos, hoje pouquíssimos projetos são aprovados na Ancine”, avalia o cineasta.

Animação?

Premiado no mais importante festival de animação do mundo, em Annecy (França), o longa *Bob Cuspe, nós não gostamos de gente*, de Cesar Cabral, trouxe uma grata surpresa. “É um filme que gira no universo do cartunista Angeli, com narrativa que usa dados reais e ficção. O prêmio mostra que o filme comunica, independente do background que o espectador tenha”, observa Cabral, que se adianta em explicar: “O filme, assim como tudo que está sendo produzido no audiovisual, se tornou peça de resistência por uma questão de política imposta. Somos o reflexo de um governo anterior que valorizava a cultura brasileira”.

O protagonista do filme pode até desprezar pessoas, mas o diretor conta crer “num governo que goste de cultura e educação”. Ele diz que a animação brasileira cada vez mais se afirma no mercado internacional, tanto na perspectiva artística, quanto de produtividade técnica. Investindo no sofisticado processo de stop-motion, o segundo longa nacional com a técnica, Cabral pontua particularidades da animação no audiovisual e adianta um entrave na área. “A produção é muito mais lenta do que trabalhar com imagens em live-action, isso gera um panorama atual ainda estável; mas, na prática, os projetos de hoje foram iniciados dois, três anos atrás e os projetos futuros precisariam ser plantados agora. Dentro das políticas públicas, isto não está acontecendo”, lamenta.

Flechas certas

Receber o segundo prêmio mais importante do Festival de Berlim, conferido pelo público de um evento que teve mais de 800 filmes inscritos de países como Canadá, Estados Unidos, Japão, França, Alemanha e Coreia traz orgulho para Luiz Bolognesi (de *A última floresta*). Com baixíssimo orçamento, o documentário envolveu a diminuta equipe de cinco pessoas, e agradou ao integrar a Mostra Panorama do destacado festival alemão. Considerado ainda melhor filme no festival de Seul, o longa tem na rota internacional a presença em festivais na Nova Zelândia, Coreia, Espanha, Suíça e Itália, além de paradas para exposições no Canadá e Estados Unidos.

“A vitória em Berlim é para o cinema brasileiro, nesse momento que a gente tem um governo que tenta nos desqualificar, nos perseguir e paralisar a nossa produção. Trouxemos algo de extrema importância para a cinematografia brasileira: (o prêmio) mantém a gente à frente de um cinema forte, de qualidade e de competência. É relevante sair notícias no mundo todo de um cinema que encara um cenário de resistência e revela a luta de povos indígenas que estão sob forte ataque de um governo genocida e fascista”, demarca Bolognesi.

No Brasil, milhares de pessoas já acompanharam a narrativa selecionada para cinco festivais digitais no país, num sucesso nutrido tanto pelo tema quanto pela forma de abordagem. “A originalidade está na filmagem de mitos e sonhos, num documentário que tem ficção: os indígenas são atores e encenam situações —, há todo esse frescor. Os dispositivos narrativos acolhem a competência da arte que os próprios indígenas fizeram”, avalia Bolognesi. Nisso, houve aceitação casada entre o público mais sofisticado e os espectadores de filmes de entretenimento, como revela.